

OFICINAS DE LIBRAS E BRAILLE COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Luís Carlos dos Santos (1); Pedro Herlleison Gonçalves Cardoso (2); Célia Maria Freitas Guedes Amorim (3)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Iguatu. E-mail: karloskaka@hotmail.com

(2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Iguatu. E-mail: pedroherlleison@yahoo.com.br

(3) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Iguatu. E-mail: celiafreitasguedes@yahoo.com.br.

Resumo: A educação inclusiva implica na implementação de políticas públicas, a compreensão da inclusão concebido como um princípio de educação para todos e a valorização das diferenças, que envolve toda a comunidade. Neste contexto, tem-se a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o sistema Braille que interagem no processo de inclusão, funcionando como ferramenta educacional na prática docente. A Libras é a língua de sinais brasileira utilizada pelas pessoas surdas, e o Braille é o código que proporciona a leitura para o deficiente visual. Assim, este trabalho objetivou verificar o impacto da utilização de oficinas práticas de Libras e Braille, visando a utilização destes como ferramenta de inclusão social. Este estudo trata-se de um relato de experiência. Sendo uma pesquisa do tipo aplicada, explicativa e qualitativa. Para tanto, realizou-se duas oficinas de quatro horas cada uma, nas quais participam 60 alunos no total. Os participantes demonstraram grande interesse pelas práticas desenvolvidas nas oficinas. Os mesmos interagiram nestas formas de comunicação e se sensibilizaram de que se trata de uma maneira de incluir o sujeito desprovido da audição e da visão, promovendo inclusão social. Portanto, pode-se concluir que o objetivo das oficinas visando a contextualização de libras e braille promoveu a sensibilização da inclusão, tendo em vista que o objetivo desta não é esquecer as diferenças individuais entre tais deficiências (cegueira e surdez), e sim criar um cenário em que todas as pessoas se reconheçam e se apoiem mutuamente.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Didática, Experiência Docente.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva abrange a inclusão de todas as pessoas, independentemente de ter ou não deficiência, cor da pele, orientação sexual, identidade de gênero, etc., já a educação especial trata exclusivamente da inclusão de pessoas com deficiência nas instituições escolares (SOARES, 2016). Assim, a educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL 2008).

A educação inclusiva tem se introduzido com força em nosso meio, o que indica uma sociedade que busca cada vez mais um convívio amplo. Acredita-se que o braille é uma ferramenta relevante a educação inclusiva, permitindo uma conexão com conhecimento e com informação, contribuindo significativamente com a alfabetização científica. A Libras é

também percebida como uma ferramenta inclusiva necessária não só para a comunicação dos surdos, mas como uma conquista com vistas à sua inclusão social e cultural.

A língua de sinais distingue-se das línguas orais porque se utilizam de um meio visual espacial, ou seja, na elaboração das línguas de sinais precisamos olhar os movimentos que o emissor realiza para entender sua mensagem. Na língua de sinais precisamos estar ao alcance da visão para que o sinal seja notado e percebido pelo receptor. Esses sinais gestuais que dão origem a um diálogo entre duas pessoas ou mais (BRAZ, 2014).

O Alfabeto de Libras pode ser visto para melhor compreensão do assunto. A língua de sinais não é universal. Sendo que, cada uma possui sua estrutura gramatical própria, assim, como não temos uma língua oral única, também não temos apenas uma língua de sinais. A Língua Brasileira de Sinais é a língua de sinais utilizada pelas pessoas surdas e tem como sigla as iniciais das palavras, sendo também chamada de Libras (BRAZ, 2014).

O sistema Braille proporciona a leitura para o deficiente visual, como forma de acesso à educação através da leitura. O ato de ler é fundamental para o desenvolvimento educacional, social e afetivo do indivíduo, no caso da deficiência visual, ler ganha um sentido especial, o da inclusão. O Braille é um método de leitura para deficientes visuais, pois foi o primeiro método, que abriu a porta das escolas regulares ao deficiente visual e pouco se conhece e se divulga sobre a cegueira e sobre acessibilidade. O que torna esses temas de grande importância para o conhecimento dos educadores, já que a educação é um princípio que abrange todos os campos da formação humana e, portanto, se constitui no principal meio para ocorrer à inclusão.

Enquanto isso não acontece, indaga-se: pode um profissional de educação, atuar em sala de aula, sem esse conhecimento? Se os próprios professores não se interessam em aprender a Braille e Libras? Neste sentido, este trabalho objetivou verificar o impacto da utilização de oficinas práticas de Libras e Braille, visando a utilização destes como ferramenta de inclusão social. Realizou-se um relato de experiência que descreve precisamente um dado ensaio que possa contribuir de forma relevante para a área da educação. Ele traz as motivações para tomada de decisão. O relato é feito de modo contextualizado, com objetividade e aporte teórico.

METODOLOGIA

O presente estudo é um relato de experiência, pois traz considerações (a partir da vivência sobre a qual se relata e reflete) que sejam significativas para a área da educação.

Neste sentido, este trabalho estabelece ponderações e reflexões, embasadas na experiência relatada e no seu respectivo aparato teórico. Tais experiências contribuem para outros pesquisadores da área, ampliando o efeito da sua experiência como potencial exemplo para outros estudos e vivências. O relato de experiência inclui uma introdução com marco teórico de referência para a experiência. A seguir, traz os objetivos da vivência e expõe as metodologias empregadas para realizar tal experiência, incluindo descrição do contexto e dos procedimentos. Após isso, apresentam-se os resultados observados e as considerações tecidas a partir dos mesmos.

⇒ Classificação e Localização da Pesquisa

É de natureza aplicada, porque objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos, envolve verdades e interesses locais, quanto à forma de abordagem é qualitativa, porque não se preocupa com números, mais com o aprofundamento, e de como ela será compreendida, quanto aos fins é explicativa, porque identifica fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, quanto aos procedimentos é estudo de campo, porque procura o aprofundamento de uma realidade específica, feita por observação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Realizou-se o estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará Campus Iguatu, localizado no município de Iguatu-CE. O município em questão localiza-se na Região Centro Sul do Estado do Ceará, que segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010) possui uma população estimada de 102.614 habitantes, tornando o município mais populoso da Região Centro-Sul, o 9º do Ceará e o 293º do país. O município foi reconhecido, por muitos anos, como um dos polos econômicos mais importantes do Estado do Ceará devido à grande produção de algodão. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 96,8% em (2010).

⇒ Procedimentos

Realizou-se duas oficinas de quatro horas cada uma. Denominou-se: oficina de Libras e oficina de Braille. Estas foram ministradas por professores especialistas nos respectivos setores de estudo. Utilizou-se diversos recursos nas oficinas, como por exemplo: músicas, vídeos, utensílios utilizados por cegos, como a bengala, entre outros. Os participantes foram estudantes de diversos cursos: especialização em educação profissional e tecnológica,

licenciatura em química, licenciatura em geografia e pessoas da comunidade. Ao todo participam 60. Disponibilizou-se as inscrições para quem tivesse interesse em participar, porém com quantidade limite de inscritos. A Figura 1 mostra os participantes.

Figura 1 – Participantes das Oficinas



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Para obter os dados, utilizou-se a metodologia da observação direta, que é o tipo de observação intensiva que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

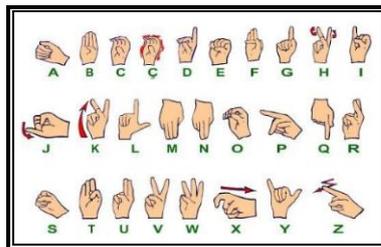
⇒ Oficina de Libras

A Libras possibilita o desenvolvimento linguístico, social e intelectual daquele que a utiliza enquanto instrumento comunicativo, favorecendo seu acesso ao conhecimento cultural-científico, bem como a integração no grupo social ao qual pertence (ABREU, 2006).

A oficina de Libras iniciou com a apresentação da Libras que é a língua própria do surdo, sendo uma língua de modalidade oral visual, que visa explorar os sentidos de que ele dispõe. A Libras é um sistema linguístico legítimo e natural, utilizado pela comunidade surda brasileira, de modalidade gestual-visual e com estrutura gramatical independente da Língua portuguesa falada no Brasil.

O professor mostrou o alfabeto em Libras (Figura 2), letra por letra por letra, fazendo o sinal de cada uma, para que os participantes da oficina repetissem os gestos. Logo em seguida, o mesmo convidou os participantes da oficina para se apresentarem, fazendo cada um o gesto de seu nome em libras para os demais.

Figura 2 – Alfabeto em LIBRAS

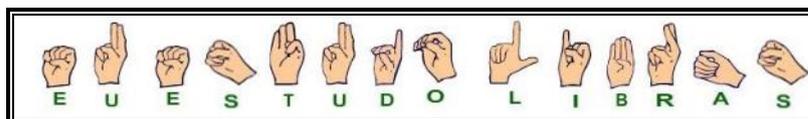


Fonte: Imagens da Internet (2018).

Após a apresentação de alguns participantes, o professor realizou uma dinâmica, na qual consistia em convidar oito novos integrantes da oficina para formar uma fila, na qual ele falava uma frase em Libras com o último da fila, e este teria que repassar para o outro e assim por diante, como se fosse um telefone sem fio. Utilizou-se a frase em Libras “Eu estudo libras” (Figura 3) e o mesmo tinha que repassar essa frase até a primeira pessoa, onde a frase final chegou “Eu rezo dança”.

Por isso, se faz necessário a realização de oficinas como ferramenta de inclusão para práticas docentes, e para estudantes, pois não é fácil a linguagem, no nosso sistema de ensino, e pela falta de preparo específico, tanto nos cursos de formação de professores quanto nas redes de ensino regular.

Figura 3 – Frase “Eu estudo Libras”



Fonte: Adaptado a Imagens da Internet (2018).

O professor apresentou alguns sinais em libras, que correspondia algumas palavras do nosso dia a dia, como casa, bola, árvore, feliz, amor entre outras, após convidou os alunos para ficar em dupla, para mesmos formarem cinco palavras, para sua dupla dizer a palavra, as duplas realizaram a atividades sem dificuldades.

Foram apresentadas músicas em libras (Vagalume – Pollo), (Aí se te pego – Michel Teló) e (Campeão Vencedor – Jamily) que facilitou ainda mais o entendimento da comunicação e dos sinais.

O professor apresentou os sinais que aparecia nas músicas separadamente. Após a aprendizagem dos sinais das músicas, os participantes cantavam as mesmas canções mais de uma vez, para melhor fixar cada palavra e expressão. A música facilitou a aprendizagem de forma mais fácil.

É inegável a importância da Libras para a inclusão social, visto que proporcionou aos participantes interagir como se fossem surdos, o ambiente proporcionou um aprendizado, que respeita as diferenças e que deu acesso à informação e conhecimento, o que agregou muito para nós ouvintes (Figura 4).

Figura 4 – Momentos da Oficina de Libras



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Segundo Mantoan (2002), a inclusão é a capacidade que temos de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós.

⇒ Oficina de Braille

Conceituar deficiência visual, o termo deficiência vem do latim deficientia, e segundo o Ferreira (2018) significa falta, imperfeição ou insuficiência. A deficiência visual é um estado permanente de redução do sentido visual, que pode decorrer de patologias congênitas, hereditárias ou adquiridas, a situação que define de fato a acuidade visual é a permanência da deficiência mesmo após tratamento clínico e cirúrgico. Atualmente, as pessoas com deficiência visual vem conquistando seus direitos na sociedade. Esses direitos foram adquiridos ao longo de muitos anos e fruto de muitas lutas sociais.

A oficina de Braille foi dividida em dois momentos, no primeiro abordou a temática mobilidade urbana e no segundo momento apresentou o código Braille, para que os participantes tivessem a oportunidade de conhecer e treinar os códigos.

Com base na abordagem da mobilidade, os participantes puderam desfrutar de uma vivência real. Na oficina foi solicitado que os participantes ficassem em dupla, para realizar uma atividade, onde um seria o guia e o outro o deficiente visual, com uma venda nos olhos e uma bengala, pudessem ter a real vivência como uma pessoa com deficiente visual passa todos os dias.

A mobilidade urbana é bastante discutida no mundo, trata-se de ações de políticas públicas capazes de favorecer os deslocamentos da população, está relacionado à oferta de transporte público de qualidade, ao uso do carro, bicicleta e deslocamentos de pedestre realizados a pé.

O pedestre que também faz parte do sistema de transporte e possui o direito de deslocamento com qualidade, necessita que os pavimentos estejam em condições confortáveis para a sua locomoção (WILHEIM, 2013).

Na oficina os participantes em dupla realizaram a prática onde um seria o guia e o outro o deficiente visual, com uma venda nos olhos e uma bengala, pudessem ter a real vivência como uma pessoa com deficiente visual passa todos os dias.

Sáímos da sala da oficina, passando pelo pátio espaço de socialização até o corredor das salas de aula, subindo as escadas até chegar o primeiro andar, depois descer as escadas, sair para fora da unidade para um passeio na calçada (Figura 5).

Figura 5 – Participantes como guia e o outro o deficiente visual



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Com base nesse cenário e, portanto, na problemática que envolveram a efetividade da mobilidade, podemos identificar os problemas de deslocamentos dos participantes da oficina realizados a pé, durante a atividade realizada, como se fossem um deficiente visual. É importante, também, discutir as dificuldades e desafios enfrentados na atividade. As dificuldades maiores foram na infraestrutura inadequada do campus para um deficiente visual, pois tinham muitos batentes, estrutura desregular, ou seja, não são niveladas, ou estão tomada por algum material (cone de sinalização, escadas, bebedouro, banco e carro). Os desafios de andar no corredor e subir e descer a escada, foram maior pôr o campus não apresentar piso tátil, e sim, um piso liso no qual alguns participantes deslizarão, mais não chegaram a cair, pois seus guia estavam ao lado.

Se para quem não possui problema nenhum de locomoção já é difícil, pior ainda é para o deficiente visual, a situação é mais difícil, uma vez que estão mais vulneráveis a acidentes. A calçada não são adequadas, são totalmente inacessíveis, embora o campus não tenha nenhuma aluno ou professor com deficiência visual, mais abre suas portas para eventos internos e externos.

Temos que evoluir na questão da acessibilidade, as calçadas são apenas uma das coisas que temos a resolver, se o campus apresentasse um piso tátil (Figura 6) facilitaria o deslocamento do deficiente visual sozinho.

Figura 6 – Piso Tátil

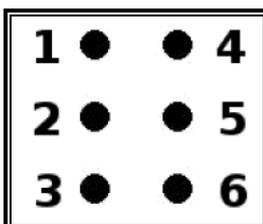


Fonte: Imagens da Internet (2018).

O piso tátil, é caracterizado por relevo e iluminância contrastantes em relação ao piso adjacente, destinado a constituir alerta ou linha-guia, servindo de orientação perceptível por pessoas com deficiência visual, destinado a formar a sinalização tátil no piso (ABNT, 2016).

No segundo momento da oficina foi abordado o código Braille. Foi ministrado por pessoas que possuem deficiência visual. O código Braille é lido da esquerda para a direita, com uma ou ambas as mãos. Foi apresentado alguns conceito sobre deficiência visual, uma breve história de como surgiu a língua Braille. Apresentou-se a cela braille/célula braille (Figura 7).

Figura 7 - Cela braille ou célula braille



Fonte: Imagens da Internet (2018).

A cela braille ou célula braille que é formado por seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas de três pontos, ou seja, três pontos à esquerda e três pontos à direita, chamados de cela braille ou célula braille. Os pontos são numerados para facilitar sua identificação, sendo do alto para baixo, coluna da esquerda, pontos 1-2-3; do alto para baixo, coluna da direita, pontos 4-5-6. Foi apresentado o alfabeto braille (Figura 8) para os participantes e os instrumentos necessários para a escrita braille como: a punção e o reglete e máquina estereótipa de escreve em braille (Figura 9).

Figura 8 – Alfabeto em Braille

⠁	⠃	⠉	⠇	⠑	⠋	⠏	⠎	⠗	⠊
⠅	⠆	⠒	⠔	⠖	⠘	⠌	⠍	⠏	⠕
⠙	⠚	⠛	⠜	⠝	⠞				

Fonte: Imagens da Internet (2018).

Para deficientes visuais, o Braille é um código de escrita e leitura que possibilita acesso ao conhecimento, é mais importante meio de comunicação. Para quem enxerga, a realidade é diferente, ver como complicação, os participantes disseram que ler em braille é muito difícil.

Figura 9 – Máquina estereótipa de escrever em Braille



Fonte: Imagens da Internet (2018).

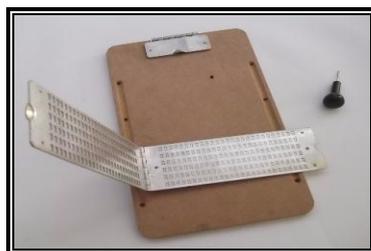
A máquina de datilografia Braille é constituída basicamente por um teclado com seis teclas, cada uma correspondendo a um ponto da cela Braille que é constituída pela combinação de seis pontos em relevo, a tecla central diferente marca apenas o espaço, os números correspondem aos números de ordem na cela Braille.

O toque de uma ou mais teclas simultaneamente produz a combinação dos pontos em relevo, correspondendo ao símbolo desejado, escreve-se da esquerda para a direita e pode-se ler sem retirar o papel da máquina, o que facilita bastante para o deficiente visual a não

remoção do papel da máquina para que se possa ler o que escreveu fazendo a correção necessária no momento da digitação.

Os participantes tiveram acesso ao prancheta, prendedor de papel, reglete e punção (Figura 10), onde um participante confeccionou algumas letras do alfabeto em Braille. Para o deficiente visual ler e escrever e ser alfabetizado é utilizado o Sistema Braille. Essa modalidade de linguagem é reconhecida mundialmente e utiliza como recursos necessários o reglete e o punção.

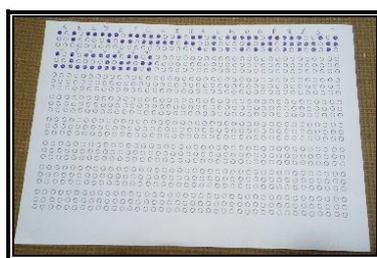
Figura 10 - Prancheta, prendedor de papel, reglete, punco



Fonte: Imagens da Internet (2018).

Nessa ocasião foram distribuídos materiais pedagógicos (Figura 11) onde os participantes tiveram a oportunidade de poder escrever o alfabeto em braille e conhecer as dez dicas de como guiar um deficiente visual.

Figura 11 – Material pedagógico – Folha fornecido para participantes escrever o alfabeto em Braille



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Os participantes ficaram com material pedagógico para praticar, para seu aprendizado. Com o material podia escrever palavras, frases até chegar a uma página inteira. No material pedagógico distribuído apresentou o conceito: O deficiente visual possui limitações físicas que, em determinados momentos, podem leva-lo a precisar de ajudar. Porém, no dia a dia, é comum algumas pessoas não saberem ajudar da maneira correta e foi pensando nisso que preparamos 10 dicas.

Para finalizar foi passado um vídeo somente com áudio auto descritivo, da história de inclusão do lápis, com objetivo deles imaginar a cena que estava se passando, para mostrar para os participantes que o deficiente visual precisa que todas as cenas sejam devidamente descritas para que possam usar sua imaginação e entender a história do começo ao fim. Após a discussão do que seria aquela história auto descritivo, foi passado o vídeo com imagem, para que eles pudessem ver se a história era aquela que tinham imaginado.

A oficina Braille certamente ampliou ou mesmo fez com que os participante pudessem ter conhecimento e vivenciado na prática como uma pessoa com deficiência visual viver, foi uma experiência enriquecedora, pois os participantes envolvidos tiveram a oportunidade de conhecer a origem do código braille e sua importância no processo de independência da pessoa com deficiência visual. Foram muitos momentos importante para despertar os participantes o respeito pelas pessoas com deficiência visual a partir do momento que passam a conhecer e vivenciar a realidade de quem não tem a visão para ler, escrever e andar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o futuro educador, as oficinas contribuem de forma significativa na formação docente, de modo que a mesma reflete sobre a importância da educação inclusiva especificamente no processo do ensino da Libras para surdos, e o ensino do braille para deficiência visual e para ouvintes.

O fato de tomar conhecimento dos materiais e metodologias da Libras e do Braille, instiga-se a querer pesquisar mais sobre essa área e futuramente aprofundar o estudo de Libras e Braille, que possibilitará um novo aprendizado com pessoas surdas e com a deficiência visual.

REFERÊNCIAS

- ABNT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS). NBR 16537: **Acessibilidade - Sinalização tátil no piso - Diretrizes para elaboração de projetos e instalação.** Rio de Janeiro – RJ. 2016.
- ABREU, A C. **Língua Brasileira de Sinais:** Uma conquista histórica. Senado Federal - Brasília. 2006.
- BRAZ, A.T.M. Libras: uma ferramenta de inclusão escolar e socialização para os surdos. **Revista virtual de cultura surda.** Edição Nº 12/Jan. 2014. p.1-10.

FERREIRA, A.B.H. Dicionário da língua portuguesa. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 03/07/2018.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 05 Jul. 2018.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Dados das cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/iguatu/panorama>. Acesso em: 05 de julho de 2017.

MANTOAN, M.T.E.; **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças**. Disponível em: <http://www.inclusive.org.br/arquivos/50>. Acesso em 13/06/2018.

WILHEIM, J. **Mobilidade urbana: um desafio paulistano**. Estudos Avançados, São Paulo, 2013, vol. 27, n.79, p. 7-26 ISSN 0103-4014, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOARES, N.M.D. **Um novo olhar sobre a educação inclusiva a partir do projeto bolsista de inclusão no município de Iguatu – Ceará**. Monografia de Graduação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Iguatu. Iguatu/CE. 2016.